

# A história das Ciências da Informação e da Comunicação na França: O caso das origens literárias das CIC<sup>1</sup>

## *The history of the Information and Communication Sciences in France: The case of their literary origins*

**Robert Boure**

robert.boure@iut-tlse3.fr

Professor de Ciências da Informação e Comunicação – Universidade de Toulouse 3; Diretor Adjunto do Laboratório de Estudos e Pesquisas Aplicadas em Ciências Sociais – LERASS. Temas de pesquisa: sociologia, história e epistemologia das ciências humanas e sociais, em geral, e das ciências da informação e comunicação, em particular.

### Resumo

A que pode servir a história das Ciências da Informação e da Comunicação (CIC)? É tal pergunta que este artigo tenta responder através de dois capítulos publicados em duas edições de *Questions de Communication*. No primeiro, indica-se, a partir de critérios sociais e intelectuais, como responder uma pergunta sempre presente: as CIC têm uma origem literária? Noutro, dedicamo-nos às histórias disciplinares, espontâneas ou oficiais.

**Palavras-chave:** Ciências da Informação e Comunicação, institucionalização, estudos literários.

### Abstract

What can the history of the Information and Communication Sciences be good for? This is the question that this article tries to answer in two chapters published in two issues of *Questions de Communication*. In the first one of them it indicates, based on social and intellectual criteria, how one can answer an ever present question, viz. do the Information and Communication Sciences have a literary origin? The other one is devoted to the spontaneous or official histories of the disciplines.

**Keywords:** Information and Communication Sciences, institutionalization, literary studies.

## 1 Introdução

Conhecer e compreender o passado permite pensar e agir no presente, sobretudo com relação às questões ainda relevantes<sup>2</sup>. Atualmente, nas Ciências da Informação e da Comunicação (CIC), essas questões não são poucas, e algumas já resultaram em respostas. Algumas delas são gerais:

- Por que, como e em quais contextos cognitivos e sociais as CIC se constituíram como disciplina acadêmica?
- Qual é o mercado científico ou, especificamente, intelectual da informação e da comunicação antes de seu reconhecimento oficial?
- Em que a interdisciplinaridade reivindica ser fundadora e, de certa forma, “performativa”?
- Como explicar a ligação, raramente observada fora da França, entre a Informação enquanto ciência da Informação anglo-saxônica e a Comunicação, ou, se preferirmos uma versão mais controversa, podemos nos contentar com respostas sociais e/ou científicas fornecidas por aqueles que já se interessaram por essa questão, como Jean Meyriat (1978, 1981, 1985) e Robert Escarpit (1973, 1976), ao considerarmos apenas duas contribuições reconhecidas como “históricas”?

1 Este artigo é uma tradução de Robert Boure, 2007, «L'histoire des sciences de l'information et de la communication (2)», *Questions de communication*, 11, p. 257-287. Disponível em: <http://questionsdecommunication.revues.org/7358>. Agradecemos à revista e ao autor pela colaboração com nossa Revista. Tradução: Edu Jacques, doutorando do PPGCC-Unisinos.

2 Este artigo faz parte de uma crônica cujo objeto é responder, através de alguns exemplos significativos, uma questão central que podemos resumir assim: o que a história das Ciências da Informação e da Comunicação, exercício largamente “gratuito” em termos de benefícios simbólicos em razão do escasso interesse que parece provocar no campo, pode ensinar de “útil” aos atuais envolvidos?

Outras questões são mais limitadas e, é necessário afirmar, mais raramente enunciadas: por que o descaso com certas disciplinas, enquanto que alguns de seus “lugares” ou de seus agentes desempenharam, em um dado momento, um papel na construção das CIC? Ou com os que têm, em outros contextos nacionais, um lugar reconhecido, por seus estudos de Comunicação – ainda que esta posição seja debatida –, como os pesquisadores da Psicologia? Mas também, por que as contribuições disciplinares não são totalmente exitosas em domínios práticos como a Publicidade e, em menor grau, o Jornalismo, isso tanto no nível do ensino quanto no da pesquisa? Esse fenômeno é surpreendente quando se conhece a importância social desses campos profissionais, o lugar das pesquisas destinadas a tais campos pelas disciplinas vizinhas – as Ciências da Gestão na Publicidade, a Ciência Política e a Sociologia no Jornalismo –, seu papel nos primeiros trabalhos franceses em Comunicação (ver a “necrologia” de Georges Péninou escrita por Jacques Durand em 2002), mas também a relevância dos estudos de Comunicação nas práticas dos profissionais desses domínios (sobre a publicidade, ver Berthelot-Guiet, 2004).

Aqui, escolhemos responder outra questão aparentemente limitada: as CIC, e particularmente as Ciências da Comunicação, têm uma origem essencialmente literária?

De fato, essa questão é também mais ingênua que as precedentes. Primeiramente em razão das representações que ela transmite frequentemente sobre quem a enuncia: enquanto alguns se regozijam, entre outros motivos porque essa filiação situaria a disciplina na área das Humanidades (ver abaixo), outros, ao contrário, veem nas origens literárias uma fonte de dificuldades em querer situar as CIC efetivamente na esfera dos referenciais teóricos e metodológicos das Ciências Humanas e Sociais (CHS) e, assim, pôr em prática os métodos científicos que se encontram em várias das CHS contemporâneas.

Então, em virtude das consequências cognitivas e práticas podemos derivar as respostas. Pierre Bourdieu (1984) definiu bem as questões ligadas à inscrição de um campo acadêmico numa tradição universitária fortemente marcada material e simbolicamente. Por exemplo, podemos pensar que os pioneiros tentaram reproduzir e ensinar modelos que conheceram, originados em outros lugares: modos de questionamento, quadros de leitura, referências teóricas, comportamentos sociais...

Entretanto, entre aqueles que, preferindo uma filiação às CHS, poderiam muito rapidamente lamentar uma resposta afirmativa e os que, reconhecendo-se nas Humanidades, poderão imediatamente se alegrar, há um espaço para uma análise largamente apoiada nos fatos.

## 2 Algumas considerações lexicais preliminares

De fato, devemos falar de “Letras”, de “Literatura” ou de “Humanidades”? Sem responder totalmente essa questão, formulamos algumas observações que evidenciam individualmente a característica não anódina desse questionamento para a compreensão do que está em jogo, e as dificuldades encontradas para respondê-la.

Primeiramente, se essas noções se sobrepõem, elas não se referem às mesmas realidades intelectuais, nem aos mesmos modos de organização social dentro e fora da universidade. Porém, a respeito de nossa questão sobre as origens, elas têm um ponto em comum: ressaltar as CIC, se não como derivadas de uma única tradição de ensino e de pesquisa, ao menos de tradições compatíveis entre si.

Logo, esses termos não possuem o mesmo significado em períodos distintos. Assim, entre os séculos XV e XVII, entende-se por “Letras” todo o conhecimento escrito adquirido pelo estudo, sem que haja distinção entre saberes filosóficos, literários ou científicos. A partir do século XVII, as Belas-Letras correspondem mais precisamente à Gramática, à Retórica, à Poesia e à História. Paulatinamente a expressão “literatura” substitui essa denominação. A literatura deve ser entendida, então, de acordo com o duplo sentido das obras escritas nos ambientes em que circulam (universidade, crítica, editoras), reconhecendo um valor “literário” em função de critérios dominantes *hic et nunc*, e de todos os conhecimentos e estudos que se relacionam às obras, a seus autores e à sua recepção.

Numa definição mais ampla, a palavra “Letras” designa também as disciplinas que formam o núcleo duro das faculdades de Letras e, a partir do decreto de 23 de julho de 1958, das faculdades de Letras e Ciências Humanas e que sempre desempenharam um papel importante nas universidades de Letras e Ciências Humanas que as substituíram em 1968: a Literatura, a Filologia, a Filosofia e a História, nas quais alguns incluem os idiomas estrangeiros (compreendendo literaturas e civilizações) e a Linguística.

O termo “Humanidades” é largamente utilizado no sentido que possuía nos séculos XV e XVII (“*studia humanitatis*”): estudos literários clássicos eruditos nos quais o grego e o latim ocupam uma posição central, entendidos como fundamentais para formar uma concepção do “Homem” em referência a um modelo antropológico herdado da Antiguidade grega e latina. Desde o início do século XX, quando a expressão não é mais usada com essa acepção “velha”, ela remete a um conjunto maior, incluindo as “Humanidades modernas”, isto é, as literaturas e as línguas vivas. Recentemente, o ministério encarregado do Ensino Superior e da Pesquisa causou certa confusão com uma decisão relativa à reorganização de sua administração: agora, no interior do Departamento de Ciências do Homem e das Humanidades (DPST 6) da Missão Científica, Técnica e Pedagógica (MSTP), quatro disciplinas (CIC,

Psicologia, Ciências da Educação e Ciências das Atividades Físicas e Esportes) foram reunidas no eixo “Novas Humanidades”, enquanto que não há traços nesse departamento nem das “antigas”<sup>3</sup>, nem das “modernas”. Porém, não nos enganemos: essa medida corresponde mais a uma categoria administrativa destinada a reagrupar essas disciplinas que temos perante a dificuldade em classificá-las junto às outras, para avaliar algumas de suas instituições sociais, do que uma concessão àqueles que desejam que certas “ciências do espírito” se tornem mais “humanas” ou mais “antropológicas”.

Na vulgata que inspirou a institucionalização das ciências duras (sobretudo da Física), certos saberes sobre o homem e a sociedade se tornaram Ciências Humanas e Sociais separadas das Letras, incluindo a Filosofia. Tais discursos se encontram frequentemente na história oficial (retrospectiva e hagiográfica) da Economia, da Sociologia, da Linguística ou da Psicologia, embora sejam vigorosamente combatidos por muitos que defendem uma história “oficial” das ciências (ver, por exemplo, os trabalhos da Sociedade Francesa por uma História das Ciências do Homem).

Esquemáticamente, no plano cognitivo, a ruptura com as Letras teria sido superada com a introdução das Matemáticas (seja como ferramenta de quantificação, seja como linguagem para a formalização) e/ou, se não pelo método experimental, ao menos pelos modos de pesquisar inspirados nesse último (ver a experimentação indireta de Émile Durkheim). Com relação ao plano social, os métodos serão amplamente ligados, por um lado, à autonomização das novas disciplinas em comparação com as disciplinas mães e à sua implementação (difícil...) na universidade, logo no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS, na sigla em francês), e, por outro lado, à importação dos modos de organização (laboratórios, sistemas e normas de publicação...) do antigo trabalho das ciências chamadas “exatas” ou “naturais” (sobre todos esses pontos, ver Boure, 2007).

Nessa perspectiva, as palavras “letras”, “literatura” e “humanidades” têm uma conotação “evidentemente” pejorativa: no plano intelectual, remetem a corpus teóricos, a métodos julgados pouco heurísticos, assim como a preocupações eruditas, formalistas e/ou estéticas. No plano social, cheiram a práticas (trabalho individual, biblioteca em vez de pesquisa de campo...) e a modos de estrutu-

3 As duas outras são: “Letras, Línguas e Literaturas” (ciências da linguagem, línguas e literaturas antigas, língua e literatura francesa, literatura comparada, línguas e literaturas estrangeiras, filosofia, artes e ciências da arte, teologia, culturas e línguas regionais) e “Ciências Humanas” (pré-história, história, epistemologia e história das ciências e técnicas, geografia, planejamento do espaço e urbanismo). As outras disciplinas importantes das Ciências Humanas e Sociais foram reagrupadas na DPST 7 “Ciências da Sociedade”.

ção que os “construtores” das CHS por muito tempo combateram.

Em suma, as Letras, a Literatura e as Humanidades se oporiam à ciência. Vemos bem o “benefício” que podemos inferir dessa conclusão daqueles que defendem uma concepção “dura” de valores científicos para as CIC. Mas essa “maneira de ver” muito arraigada está longe de ser unanimidade em nosso campo – inclusive entre aqueles que, a exemplo do autor destas linhas, pensam que o lugar das CIC é entre as CHS.

Com efeito, podemos, portanto, querer tornar as CIC uma ciência humana e social e aceitar vários modos de fazer ciência... o que pode, por exemplo, resultar de um lado numa reivindicação de ligações com a literatura (Escarpit, 1976) e, de outro, na consideração de que a literatura contém também saberes sobre o homem e a sociedade, sem dúvida construídos de maneira distinta, mas, ainda assim, saberes<sup>4</sup>.

### 3 Uma origem plural

Jean-François Tétu (2002), ao abordar a questão das origens literárias das CIC, apoia-se em arquivos pouco acessíveis e em uma literatura pouco conhecida. Sua resposta é sutil, mas vai essencialmente no sentido de uma emancipação rápida das CIC face às Letras. Ainda que de modo vago, ele afirma que “as Letras jamais buscaram deter as CIC” (Tétu, 2002, p. 89). Nossa resposta será mais aguda: com efeito, seja qual for o critério (obtivemos quatro, dos quais três são de tipo basicamente social, ou, se se preferir, “institucional”), as CIC aparentam possuir uma origem plural. Ao mesmo tempo, dificilmente seria contestável que a Literatura (e em nível superior as Letras, como descrito acima) desempenhou, aqui ou ali, um papel... frequentemente difícil de definir.

#### 3.1 O critério do local de aparição no ensino superior

Os primeiros docentes<sup>5</sup> e, um pouco mais tarde, os primeiros subgrupos das CIC (imprensa, cinema e estudos audiovisuais, relações públicas, documentação...) apareceram principalmente nas faculdades, logo nas universidades de Letras e Ciências Humanas, quando a Lei de Orientação do Ensino Superior de 12 de novembro de 1968 pôs fim oficial ao “regime das faculdades” (Musselin, 2001)<sup>6</sup>.

4 Sobre as relações entre Ciências Humanas e Sociais e Literatura, ver a excelente edição do periódico *Histoire des Sciences Humaines* (2001).  
5 Sem as técnicas de expressão que vieram principalmente dos Institutos Universitários de Tecnologia (IUT), das escolas de engenharia e disso que chamamos de “educação continuada” a partir de 1971.

6 Esquemáticamente, no contexto particular do pós-Maio de 68, esse texto – conhecido como a “Lei de Faure”, nome do ministro da Educação naquele momento – e seus decretos estabelecem uma reforma centralizada, entre outras coisas, em torno de: 1) a supressão das faculdades

Isto se aplica à maior parte dos exemplos pioneiros, isto é, anteriores aos anos 1970: Centro de Estudos Literários Superiores Aplicados – CELSA – (Paris 4) e Instituto de Literatura e de Técnicas Artísticas de Massa – ILTAM – (Bordeaux 3), ou, mais modestamente, aos certificados de técnicas de documentários entregues pelas faculdades, depois pelas universidades de Letras e Ciências Humanas de Toulouse, Lyon e Nancy.

Isso também se aplica a vários mestrados de Ciência e Tecnologia (MST, na sigla em francês) criados a partir de 1972, assim como a licenças e mestrados generalistas formados em 1977, a exemplo de Diploma de Estudos Superiores Especializados (DESS, na sigla em francês). Sobre todos esses pontos, ver Meyriat, Miège, 2002).

Há algumas exceções notáveis, entretanto. Primeiramente, certos locais de ensino pioneiro nascem alhures: o Instituto Francês de Imprensa (IFP, na sigla em francês) surge no interior do Instituto de Estudos Políticos de Paris (1946), antes de ser integrado em 1957 a uma faculdade dedicada ao Direito; e, por iniciativa de Jean Meyriat, o Ciclo Superior de Especialização em Informação e Documentação é criado também no Instituto de Estudos Políticos (1969). Do mesmo modo, o Instituto Nacional de Técnicas Documentais (INTD) nasce em 1950 no interior do Conservatório Nacional de Artes e de Ofícios (CNAM, na sigla em francês). Por sua vez, antes de se tornar em 1990 o estabelecimento universitário “Escola Nacional Superior das Ciências da Informação e das Bibliotecas” (ENSSIB, na sigla em francês), a Escola Nacional das Bibliotecas é antes (1963) local de formação de quadros estatais largamente

sob o controle dos conservadores de bibliotecas, através da Direção das Bibliotecas.

Por outro lado, os departamentos de Profissões da Informação (Informação-Comunicação desde 1991) dos Institutos Universitários de Tecnologia (IUT) são originalmente (1967) associados indiferentemente aos estabelecimentos universitários literários, jurídicos ou científicos. Os IUTs são criados sob os valores da interdisciplinaridade e colocados em uma universidade em função de uma combinação de considerações nacionais e locais nem sempre relevantes para as novas disciplinas ensinadas nessas universidades.

Essas exceções permitem reconsiderar a asserção segundo a qual a origem do ensino em CIC está na pesquisa nos estabelecimentos dedicados mais particularmente às Letras. Se há interesse em manter a pesquisa, como se observa isso (Meyriat, Miège, 2002; Tétu, 2002)? Os cinco primeiros DEA<sup>7</sup> (Bordeaux 3, Grenoble 3, Nice, Paris 4 e a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais – EHESS, na sigla em francês) surgem nas universidades de Letras, elas mesmas de estruturação literária, à exceção de uma entre elas, criada na EHESS, na qual a Literatura é pouco representativa, porém que abriga um laboratório “histórico” de Comunicação – o Centro de Estudos de Comunicação de Massa (CECMAS), fundado em 1960 – e também sua revista, *Communication*, cujo papel é conhecido na construção cognitiva de uma parte do campo da Comunicação. Porém a presença dessa estrutura tem pouca incidência sobre a organização e funcionamento dos DEA. No início dos anos 1980, o panorama das equipes de pesquisa em Comunicação é relativamente “pobre” (ver quadro<sup>8</sup>).

e o reconhecimento jurídico das universidades dotadas de autonomia orçamentária, pedagógica e científica, essas divididas entre Unidades de Ensino e de Pesquisa (UER, na sigla em francês), substituídas mais tarde pelas Unidades de Formação e Pesquisa (UFP); 2) a “participação” dos funcionários e alunos na gestão das universidades por meio de conselhos (Conselho de Administração e Conselho Científico – o Conselho de Estudos e da Vida Universitária serão criados apenas em 1984 com a Lei Savary) – incumbidos de responsabilidades múltiplas, no interior dos quais os eleitos constituem maioria, e que compartilham com o reitor também eleito tais prerrogativas.

7 N. do T.: Diploma de Estudos Avançados, equivalente ao Mestrado.

8 A maior parte das informações foi retirada do *Guide-répertoire des Équipes de Recherche sur la Communication*, publicado em julho de 1987, pela Direção de Pesquisa e de Estudos Doutorais (DRED) do Ministério da Educação Superior. Esse Documento, pouco difundido e, a nosso ver, nunca explorado, foi-nos transmitido por Jean-François Tétu, um de seus redatores.

**Centros de pesquisa em Informação-Comunicação (1980)****Equipes universitárias, CNRS, EHESS**

- Centro de Estudos e Pesquisas sobre Mudança Social (CERCSOR), Montpellier 3, 1980
- Centro de Estudos Transdisciplinares: Sociologia, Antropologia, Política (CETSAP), EHESS, 1979, anteriormente Centro de Estudos Transdisciplinares: Sociologia, Antropologia, Semiologia (CETSAS), 1974, por sua vez criado a partir do Centro de Estudos de Comunicações de Massa, fundado em 1960.
- Centro de Documentação e de Pesquisa do Instituto Francês de Imprensa, Paris 2, 1969
- Centro de Pesquisa do CELSA, Paris 4, 1979
- Centro de Pesquisas Retrospectivas de Marseille (CCRM), Aix-Marseille 3, 1978
- Centro de Pesquisas sobre a Teoria, a História e a Pedagogia do Cinema e do Audiovisual, Paris 3, 1980
- Cinema e História, EHESS, 1980
- Equipe de Pesquisas e Estudos em Ciências Sociais (EDRESS), Aix-Marseille 1, 1973
- Grupo Comunicação e Trabalho, Paris 13, 1975
- Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Ciência, Strasbourg 3, 1972
- Grupo de Pesquisa sobre as Questões da Comunicação (GRESES), Grenoble 3, 1977
- Instituto de Pesquisa em Pedagogia da Economia e em Audiovisual para a Comunicação nas Ciências Sociais (IR-PEACS), CNRS, 1975
- Intervenção do Cinema na Pesquisa em Ciências Humanas, Paris 8, 1979
- Laboratório Associado das Ciências da Informação e da Comunicação (LASIC), Bordeaux 3, unidade associada ao CNRS, 1969
- Laboratório de Psicologia Social das Comunicações, Strasbourg 3, 1966

**Organismos públicos**

- Biblioteca Pública Internacional (BPI) Georges Pompidou, Serviço dos Estudos e da Pesquisa, 1980
- Direção Geral das Telecomunicações (DGT), Serviço de Prospecção e dos Estudos Econômicos (SPES), 1980
- Instituto Nacional de Educação Popular (INEP), Departamento dos Estudos e da Pesquisa, 1974
- Instituto Nacional do Audiovisual (INA), Direção da Pesquisa Prospectiva, 1975
- Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica (INRP), Grupo de Pesquisa sobre as Aplicações Educativas da Telemática, 1979

**Associações**

- Associação para o Desenvolvimento das Novas Tecnologias (ADNT), Paris, 1978
- Centro da Imagem e da Pesquisa Audiovisual (CIRA), Paris, 1976
- Centro de Pesquisa sobre a Cultura Técnica (CRCT), Paris, 1977
- Instituto do Audiovisual e das Telecomunicações na Europa (IDATE), Montpellier, 1977

Esse levantamento envolve mais o campo de estudos e pesquisas em informação-comunicação<sup>9</sup> do que as CIC

<sup>9</sup> Cabe ressaltar que alguns centros começaram forçosamente a se abrir à informação-comunicação (GERSULP, IRPEACS, EDRESS, INEP, INRP).

em sentido estrito, mesmo que vejamos estas últimas se desenvolver a partir de locais “históricos” (Bordeaux 3, Paris 2 e Paris 4, Strasbourg, EHESS...) ou mais recentes e dinâmicos (Grenoble 3). Muitas equipes têm um tamanho pequeno e atividade reduzida. Seus “estilos” são fortemente marcados pela pesquisa normal em CHS da época (ver quadro), o que significa que seus modos de organização, de funcionamento e suas características de “produção de ciência” são distintos daqueles dos atuais laboratórios de CHS.

Vinte e três equipes (das quais 15 no ensino superior e na sua periferia imediata) estão listadas em 1980, e a maior parte surgiu entre 1978 e 1980<sup>10</sup>. As Letras, no sentido definido acima, e *a fortiori* a Literatura estão muito pouco ou nada inseridas nas associações e nos organismos públicos (à exceção da BPI – Biblioteca Pública Internacional). Sobre as 15 equipes “de ensino superior e CNRS”, sete correspondem a um estabelecimento no qual as Letras estão bastante presentes: equipes de Paris 3, Paris 4, Paris 8, Bordeaux 3, Grenoble 3, Aix-Marseille 1 e Montpellier 3... o que não significa que todos estejam hospedados nos departamentos de Letras ou tenham se

<sup>10</sup> As equipes das CIC se multiplicaram nos anos 1980-90, quando as condições são mais favoráveis em razão especialmente da institucionalização crescente das CIC, mas também por causa das medidas tomadas pelo ministério para desenvolver e avaliar a pesquisa acadêmica. O desenvolvimento se efetivará seja através da criação de novas equipes, seja pela transformação parcial, porém significativa, dos laboratórios existentes.

emancipado recentemente deles (EDRESS – Aix-Marseille 1 – e CERCSOR – Montpellier 3 – estão na Sociologia).

### 3.2 O critério dos docentes

Tentamos aqui examinar a situação estatutária dos docentes a partir de dois critérios suscetíveis de cruzamento. O primeiro dos critérios é a ligação com a seção por excelência “literária” do Comitê Consultivo das Universidades (CCU), a 12ª (“Língua e Literatura Francesa”), a qual se divide em quatro subseções: 1ª “Gramática e Filologia Francesa, Técnicas de Expressão”; 2ª “Língua e Literatura Francesa da Idade Média à Renascença”; 3ª “Língua e Literatura Francesa Moderna e Contemporânea”; 4ª “Literatura Comparada”. O segundo critério é a formação literária atestada pela obtenção de um diploma de Doutorado em Literatura e/ou a conquista de um título em Letras Modernas ou Clássicas. Analisaremos a trajetória dos “fundadores” das primeiras universidades que optaram pelas CIC em 1975 e, por fim, dos aprovados na lista para a função de professor (LAFMA) entre 1976 e 1979.

#### 3.2.1 Os “fundadores”

Aparentemente, os dois fundadores “oficiais” das CIC – aqueles que desempenharam um papel de “comando” no comitê que levava seu nome – têm uma relação íntima com a Literatura. Robert Escarpit é professor de Literatura Comparada na Universidade Bordeaux 3 e Jean Meyriat, antigo aluno da Escola Normal Superior, formou-se em Letras Clássicas e foi antes professor de Francês no Liceu Francês de Madrid (Couzinet, 2001, p. 21-23). Porém, suas trajetórias são francamente sinuosas, e eles abertamente reivindicam esse percurso.

Depois de uma licenciatura em Inglês, Robert Escarpit ingressa na ENS no curso de Grego; logo inicia a graduação em Inglês e se torna professor, especialista em Byron, na Faculdade de Letras de Bordeaux, antes de se tornar titular na cadeira de Literatura Comparada na mesma instituição. Porém, ele é um acadêmico que, a partir do pós-guerra, formula muitas perguntas: “Essa ideia tem-me assombrado: onde está a literatura [...]. A qualidade literária se situa na leitura, na maneira de ler, na maneira de receber a mensagem escrita” (SFSIC, 1994, p. 2). E será este interesse pela leitura, pela leitura e a comunicação por escrito que ele incluirá mais tarde nas questões teóricas e práticas sobre a mídia (será por muito tempo colunista do jornal *Le Monde*), as quais resultarão, de modo alternado, no campo da informação-comunicação – que revelará alguns autores importantes no fim dos anos 1950 e início dos 1960.

Por outro lado, Jean Meyriat se encanta rapidamente com a História (Couzinet, 2001): ele defende em 1945, na 4ª seção da Escola Prática de Altos Estudos (EPHE), um relatório de pesquisa intitulado *O papel das impera-*

*trizes romanas na vida pública nos dois primeiros séculos*. Logo se interessa pela Ciência Política, a qual ensinará no IEP em 1946... antes de desenvolver uma dupla atividade dificilmente compreensível nos dias atuais: a direção do Centro de Documentação da Fundação Nacional das Ciências Políticas (1948-1990) e a codireção, e em seguida a direção, do Centro de Estudos de Relações Internacionais (CERI), o primeiro laboratório da Fundação (1952-1956). De fato, essas serão essencialmente as atividades nas quais ele reunirá a informação e a documentação a cujo estudo e organização acadêmica<sup>11</sup> e profissional Meyriat irá pouco a pouco se consagrar plenamente, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Em 1962, ele será nomeado diretor de estudos em “Metodologia da Informação Científica” na 6ª seção da EPHE (permanecerá na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, que a substitui em 1975, até 1990).

Isto é, os dois principais fundadores<sup>12</sup> têm suas origens em Letras, em especial na Literatura, área na qual efetuaram um percurso mais ou menos significativo. ... contudo, eles rapidamente se realocam em decorrência de preocupações dominantes e, no caso de Robert Escarpit, pelo pouco apoio que obteve para seus novos interesses entre os colegas da 12ª seção.

#### 3.2.2 As 19 primeiras graduações em CIC

Dois decretos datados de 20 de janeiro de 1975, publicados no Diário Oficial em 23 de janeiro, possuem uma posição importante na história das CIC. O primeiro demarca o ato de nascimento das CIC, modificando a composição das seções não médicas do Comitê Consultivo das Universidades (CCU). A nova 52ª seção, “Ciências da Informação e da Comunicação”, compreende dois professores e dois mestres de conferência eleitos, dois professores ou mestres de conferência nomeados e dois assistentes eleitos. O segundo estabelece as condições de eleição dos membros das seções não médicas do CCU. Seu artigo 5º define: “Os eleitores podem exigir sua inscrição numa das seções ou subseções enumeradas no anexo 2 do presente decreto”. Esse anexo descreve a lista das novas seções e subseções nas quais os eleitores podem solicitar sua as-

11 Recorde-se que, depois de ser presidente do Comitê das CIC, ele preside durante toda sua existência a SFSIC que substitui o Comitê (1978-1984) e o CNU da 71ª seção (1984-1988).

12 A maior parte dos 13 fundadores do Comitê das CIC não são acadêmicos de literatura: O. Ducrot se especializou em semântica e em pragmática linguística, A.-J. Greimas, semânticista e semiótico, R. Barthes, semiólogo, B. Quemada, linguista, J. Bertin, semiólogo-cartógrafo... Mas muitos têm uma sólida formação literária e certamente têm na literatura objeto de pesquisa: R. Barthes, bem conhecido (*O Grau Zero da Escrita* – 1953, *Sobre Racine* – 1963, *Critique et Verité* – 1963, *Nouveaux Essais Critiques* – 1966), mas também A.-J. Greimas, que aplica sua teoria da narrativa aos contos de Maupassant (1976), e B. Quemada, autor de uma tese em Literatura: *O comércio de amores nos romances mundanos do século XVII*.

sociação, incluindo a 52<sup>a</sup>. O artigo 6<sup>o</sup> indica que todos os professores que desejarem usufruir da oferta devem entregar à Secretaria de Estado nas universidades uma ficha de acordo com o modelo do 3<sup>o</sup> anexo. Entre outras informações, essa ficha requer informar a atual disciplina que lecionam e a especialidade na qual as pesquisas são realizadas, ao lado da seção desejada na inscrição, e também os motivos. Fica claramente indicado que, sem exceção, a demanda não será atendida sem que haja relação com as atividades de docência ou de pesquisa (o reitor da universidade deverá também fornecer seu parecer).

Um decreto de 26 de fevereiro de 1975 retira das antigas seções e subseções 19 acadêmicos que se inscreveram na 52<sup>a</sup> seção, no 1<sup>o</sup> ou no 2<sup>o</sup> colégio<sup>13</sup> (ver tabela).

**Seção de origem: 12<sup>a</sup> (Língua e Literatura Francesa)**

1<sup>o</sup> Colégio: Robert Escarpit (Bordeaux 3), Michel Sanouillet (Lyon 2)

2<sup>o</sup> Colégio: Pierre-François Christin (Bordeaux 3), Marie-Jeanne Lemainque (Bordeaux 3)

**Seção de origem: 7<sup>a</sup> (Sociologia)**

1<sup>o</sup> Colégio: Anne-Marie Laulan (Bordeaux 3), Georges Thibault (Bordeaux 3)

**Seção de origem: 8<sup>a</sup> (Ciências da Educação)**

1<sup>o</sup> Colégio: Jean Hassenforder (Paris 5)

**Seção de origem: 9<sup>a</sup> (Psicologia)**

1<sup>o</sup> Colégio: Maurice Mouillaud (Lyon 2)

2<sup>o</sup> Colégio: Jean Gouazé (Lyon 2)

**Seção de origem: 13<sup>a</sup> (Ciências Históricas, incluindo História da Arte)**

1<sup>o</sup> Colégio: Robert Estivals (Bordeaux 3), André-Jean Tudesq (Bordeaux 3)

**Seção de origem: 15<sup>a</sup> (Línguas Vivas)**

2<sup>o</sup> Colégio: Christine Sanous (Bordeaux 3)

**Seção de origem: 16<sup>a</sup> (Linguística e Fonética)**

1<sup>o</sup> Colégio: Bernard Quemada (Paris 3)

2<sup>o</sup> Colégio: Christian Metz (EPHE)

**Seção de origem: 21<sup>a</sup> (Física) ou 26<sup>a</sup> e 27<sup>a</sup> (Química)**

2<sup>o</sup> Colégio: Irène Arditi e Denise Devèze (26<sup>a</sup> Química Geral), Jean Devèze (21<sup>a</sup> Física Atômica e Física dos Sólidos), Jean-Jacques Kessis e Jean-Marie Martin (27<sup>a</sup> Química Orgânica, Mineral e Analítica), todos de Paris 7.

13 Na linguagem administrativa da época, os mestres de conferência – de fato, quase professores – são alocados no 1<sup>o</sup> Colégio com os professores efetivos, os professores sem disciplinas, como os mestres assistentes encarregados do ensino, das conferências ou de funções de mestres de conferência, enquanto que os mestres assistentes compõem o 2<sup>o</sup> Colégio. Apenas R. Escarpit, B. Quemada, M. Sanouillet e A.-J. Tudesq foram professores efetivos.

Entre os 19 primeiros docentes nas CIC, oito são de Bordeaux 3, reduto de Robert Escarpit, cinco de Paris 7, três de Lyon, e os outros três se dividem entre Paris 3, Paris 5 e a EPHE. Note-se que apenas quatro vêm da 12<sup>a</sup> seção do CCU: Robert Escarpit e Michel Sanouillet – a única “verdadeiramente” literária<sup>14</sup> do 1<sup>o</sup> Colégio – para os cargos de professores e similares, Pierre-François Christin (que começa a ser conhecido como desenhista de quadrinhos<sup>15</sup>) e Marie-Jeanne Lemainque<sup>16</sup> para os cargos de mestres assistentes. Cinco são provenientes da Física ou da Química (todos de Paris 7). Christian Metz, vindo da Linguística, todavia, inscreveu-se em 1971 em uma lista de reserva para a docência superior (LAES) de Língua e Literatura Francesa. A maior parte dos acadêmicos que poderiam ingressar na seção em função de suas cátedras, seus trabalhos ou suas atividades de orientação de tese no campo da Informação-Comunicação continuam nas suas seções de origem<sup>17</sup>. Por fim, observemos que alguns que se inscreveram na 52<sup>a</sup> não demoraram a abdicar de sua mudança e retornar à sua seção original: Anne-Marie Laulan (Sociologia), Bernard Quemada (Linguística), Jean Hassenforder (Ciências da Educação).

### 3.2.3 Os inscritos na LAFMA entre 1976 e 1979

Seria preferível analisarmos as nomeações dos primeiros mestres assistentes da 52<sup>a</sup> seção. Infelizmente, não conseguimos obter essas informações do Ministério, apesar das repetidas solicitações. Fomos, então, condicionados a nos “reduzirmos” às inscrições da lista de candidatos

14 Ele é autor de uma tese (em Literatura) e de diversas publicações sobre o dadaísmo.

15 Ele defendeu uma tese do 3<sup>o</sup> ciclo em Literatura Comparada (Bordeaux 3, 1974, sob a orientação de R. Escarpit) intitulada *Um tipo de narrativa: os diversos conteúdos em que a dimensão literária não é evidente...* Antes, obteve uma licenciatura em Inglês e o diploma do IEP de Paris.

16 Trata-se de um acadêmico de Literatura cujos interesses são menos acadêmicos de acordo com as tradições. Sua tese, obtida em 1971 em Bordeaux 3 em Literatura Comparada, sob a orientação de R. Escarpit, é intitulada *As imagens poéticas na casa de San Antonio*.

17 Por sua vez, C.-P. Guillebeau, fundador nos anos 1960 – sob a forma de uma faculdade – do CELSA no âmbito da Sorbonne, tornou-se em 1975 professor de CIC... mas na CNAM, e mais exatamente num cargo chamado “Sociologia-Informação e Comunicação de Empresas”. Um decreto de 6 de agosto de 1975 transfere esse cargo à universidade Paris 4, o que passa a valer a partir de 1<sup>o</sup> de outubro daquele ano. C.-P. Guillebau é um acadêmico de Literatura? Pode-se pensar que sim se considerarmos que ele tem a literatura como preocupação central, de uma forma até então relativamente inédita: reconciliar a empresa (sobretudo a administração) e a formação literária, o que supõe intervir na profissionalização dos acadêmicos e sobre as lacunas nesse aspecto. De fato, sua tese do 3<sup>o</sup> ciclo, defendida em Letras na Sorbonne em 1960, trata das *Perspectivas de aplicação da formação literária às funções empresariais*, e sua tese de Doutorado de Estado, igualmente em Letras (Paris 5, 1972), intitula-se *Estudos literários e devir profissional*. E está finalmente na lista de candidatos às funções de mestre de conferências da 7<sup>a</sup> seção da CCU (Sociologia) em que ele se inscreverá em 1974 (da qual provém seu cargo na CNAM...).

à função de mestre assistente (LAFMA) na 52ª seção entre 1976 (primeiras inscrições na 52ª seção) e 1979 (último ano de existência dos LAFMA... e do CCU). Esse critério demonstra ser pertinente, visto ser claro que os inscritos apresentaram um pedido e que isso pode ser interpretado como um indício “positivo” para as CIC (quaisquer que sejam seus motivos)<sup>18</sup>. É evidente que, como o processo contemporâneo, a inscrição não é uma nomeação, mas ela fornece a possibilidade de concorrer aos cargos vagos publicados no boletim oficial da educação nacional e que serão preenchidos pelas comissões locais. Isso significa que alguns jamais serão candidatos na 52ª (ou em outra seção) e que dos inscritos, candidatos aos cargos, alguns jamais serão nomeados na 52ª, porém em outra seção. Entende-se também que as comissões locais podem recrutar para a 52ª seção os candidatos inscritos em listas de outras seções.

A lista dos inscritos (anexo 1) foi composta a partir do Diário Oficial da República Francesa – Leis e Decretos (números suplementares). Salvo erro ou omissão, ela é exaustiva. A fim de determinar a origem dos inscritos, realizamos uma pesquisa com dez colegas que, por já constarem na lista, desempenham um papel institucional importante nas CIC. Enviamos esse questionário, acompanhado dos números e dos títulos das seções do CCU, e solicitamos que os respondentes mencionassem a seção de defesa da tese, bem como o eventual sucesso na graduação em Letras Clássicas ou Modernas. Logo, para completar e verificar as respostas, checamos as informações coletadas a partir: das notícias<sup>19</sup> do Sistema Universitário de Documentação (SUDOC) e da Agência Bibliográfica de Ensino Superior; das informações fornecidas pelos documentos biográficos (*Who's who in France*, Anuário das Ciências da Informação e da Comunicação (CSCU, 1981), Anuário dos Pesquisadores em Informação-Comunicação da SFSIC (1992 1994 1998), as listas dos orientadores de tese organizadas por Jean-François Tétu (1992, 2002), e pela Tabela de Ocupação de Pessoal do Ensino Superior, Letras e Ciências Humanas, 71ª Seção do Ministério da Educação Nacional (1996); das entrevistas (minitel ou telefone) com os inscritos e com os colegas que se conheciam entre si.

Restava uma questão, não irrelevante, a responder: os doutores inscritos em “Literatura Francesa”, “Literatura Comparada”, “Estudos Franceses” [...] defenderam uma

tese verdadeiramente “literária”? Incoerente em termos contemporâneos com a universidade em razão de seus modos de funcionamento (seções melhor delimitadas, vínculo dos doutorandos aos programas, existência de comitês disciplinares...), essa pergunta é pertinente nos anos 1970 (possivelmente nos 1980), pois os doutorandos se inscreviam frequentemente na seção de seu orientador. Ou, até 1975, cada orientador não é, por definição, das CIC. É definido a partir de um determinado número de professores da 12ª seção de *rank A* que aceitam orientar teses sobre temas da “info-com”, e essa prática continua parcialmente até depois de 1975. Pareceu útil (anexo 1) classificar as teses pelas disciplinas em função da especialização oficial do orientador na ocasião da defesa e remeter às notícias toda vez que o orientador não pôde ser identificado<sup>20</sup>. A tabela foi completada através da lista indicativa<sup>21</sup> de teses defendidas pelos inscritos (anexo 2) mencionando o título da tese, o ano e o local da defesa, o nome do(s) orientador(es) assim como sua especialização. Pode-se, assim, entender e classificar as temáticas das teses. Então, quais resultados se referem à questão de partida? Considerando a relativa imprecisão da técnica utilizada (ver nota 17), as estatísticas seguintes devem indicar não resultados precisos, mas tendências gerais.

Dos 83 inscritos na LAFMA da 52ª seção entre 1976 e 1979, 82 (o equivalente a 98,8%) foram identificados de modo objetivo. Quarenta e dois (nomes e sobrenomes em itálico no anexo 1) foram recrutados nas CIC (são 51,2% dos identificados)<sup>22</sup>, quatro (inscritos com o título de grandes estabelecimentos) não se relacionam com as CIC nem com o campo mais amplo de estudos em Informação-Comunicação<sup>23</sup>, quatro provavelmente não defenderam a

20 Essa técnica é a menos insatisfatória, com a condição de reconhecer que as fronteiras disciplinares são muito instáveis nesse período (M. Glatigny – orientador de tese –, inscrito em 1971 para a lista de candidatos à docência superior em Filologia Francesa deve ser classificado em Literatura ou Linguística?). Mas essa não é a regra geral. Por exemplo, algumas teses revelam de forma muito clara que são pertinentes a uma seção diversa daquela a que pertence o orientador (aquelas de M. Gabay e G. Jacquinet estão claramente em interface com as Ciências da Educação): fizemos correções no nível do comentário; alguns inscritos na LAFMA defenderam duas teses no período: manteremos os cálculos baseados no histórico precedente à LAFMA (a de B. Miège está classificada nas Ciências Econômicas e a de J.-B. Carpentier nas CIC); algumas teses, inscritas antes de 1975 em uma disciplina, foram defendidas mais tarde nas CIC: elas foram computadas nas CIC; as teses defendidas em Ciências da Informação ou Comunicação foram agrupadas nas CIC; a expressão Ciências da Linguagem e do Discurso não ocorre nos boletins; agrupamos aqui as incidências de termos do tipo “semiologia”, “semiótica”, “linguística”, “semântica”); as teses defendidas sobre cinema e estética foram colocadas sob a mesma rubrica.

21 Indicativa porque não obtivemos a totalidade das informações investigadas (71 teses, correspondem a 86,6% dos 82 doutores identificados).

22 À exceção de J. Hassenforder e de R. Prédal, todos permanecem na disciplina.

23 Trata-se de M. Aghassian, H. Bertrand, D. Rey e B. Rupp. Poderíamos juntar J.-D. Gronoff, ainda que ele tenha inicialmente trabalhado com J. Bertin sobre semântica e cartografia.

18 Teria sido coerente analisar as razões (explícitas ou não, claras ou não) pelas quais certos doutores têm, em um determinado momento, mais ou menos vontade de largar sua disciplina para ingressar nas CIC. Infelizmente, não bastasse ultrapassar os objetivos deste artigo, tal estudo se basearia em materiais e técnicas de coleta de dados muito diferentes das utilizadas aqui.

19 Essas notícias têm uma credibilidade relativa, especialmente pelas teses defendidas antes dos anos 1990: teses não registradas, informações inexistentes, menções errôneas ou imprecisas, inexistência de resumos, insuficiência de palavras-chave.



tese (portanto, 77% são doutores) e oito não seguiram carreira no ensino superior. Vinte e sete (33,3%) ou seguiram definitivamente em âmbitos de outras seções ou campos de pesquisa, ou cruzam regular ou eventualmente com as CIC (Jacques Aumont, Jean-Marie Floch, Geneviève Jacquinet, Michel Marie...). Treze defenderam sua tese em Bordeaux, polo bastante ativo naquele momento. Os “bordalenses” são de fato 14 se incluirmos Hubert Fondin, que defendeu uma tese sob a orientação de Jean Meyriat (enquanto dirigia o curso na Bordeaux 3), toda efetuada em Bordeaux. É possível perceber um “efeito Robert Escarpit”, ainda que ele não tenha orientado a maioria das teses, contrariamente a uma “lenda” popular (André-Jean Tudesq a difundiu).

**Os 77 doutores do anexo 1 se dividem da seguinte maneira:**

- Literatura: 16 (20,7%)<sup>24</sup>
- Ciências da Linguagem e do Discurso (SLD): 11 (14,2%)
- CIC: 6 apenas CIC + 4 História (CIC) + 4 Literatura (CIC) + 1 Ciências da Educação – CIC (Moeglin) correspondem a: 15 (19,4%)
- Estética-Cinema: 9 (11,6%)
- Sociologia: 8 (10,3%)
- Psicologia: 6 (7,8%), porém apenas 3 (3,9%) se classificarmos as teses de Jean Hassenforder, Geneviève Jacquinet e Michèle Gabay em Ciências da Educação
- Ciências Econômicas: 2 (2,6%)
- Filosofia: 2 (2,6%)
- Antropologia: 2 (2,6%)
- Outras: 6 (7,8%), das quais Direito (1), Linguística-Psicologia (1), Geografia-Cartografia (1), Ciências Políticas (1), Ciências da Linguagem-Etnologia (1) e Inglês (1)<sup>25</sup>.

Observa-se imediatamente que a Literatura não domina verdadeiramente (20,7% contra 14,2% para as Ciências da Linguagem e do Discurso e 11,6% Estética-Cinema), mesmo se unirmos aos seus 16 doutores os quatro inscritos originalmente em Literatura, mas que defenderam tese nas CIC (25,6%). Se tivermos em conta os objetos das teses (anexo 2), constataremos que o impacto da Literatu-

24 Contabilizamos sete graduações de Letras Clássicas ou Modernas. Além disso, quatro inscritos têm uma atividade importante (mesmo principal) de escritores. Outros, como J. Guento (ele escreve romances policiais com o nome de A. Sigusse), que se juntaram logo às CIC, também representam essa atividade literária.

25 Refere-se a M.-P. de Montgomery, porém M.-CL. Vetraino-Soulard, apresentador de uma tese em CIC, vem do Inglês... assim como C. Sannous, que optou pelas CIC em 1975 (ver decreto de 26 de fevereiro de 1975), e J. Guenot, que logo seria nomeado professor.

ra é ainda inferior. Se nos detivermos nos dados do anexo 1, observamos uma dispersão entre um número importante de disciplinas (15), ainda que quatro delas (Literatura, Ciências da Linguagem e do Discurso, Estética-Cinema e Sociologia) concentrem 56,8% dos doutores. Nota-se, enfim, que os doutores em CIC *stricto sensu* são ainda pouco numerosos, o que é lógico tendo em conta a juventude da disciplina.

**Os temas (em função dos títulos) das 71 teses listadas no anexo 2 se articulam assim:**

- Audiovisual (compreendendo o rádio), Escritura Audiovisual: 22
- Livro, Quadrinhos, Manuais, Bibliotecas, Leitura, Autores: 8
- Imprensa Escrita: 6
- Publicidade: 3
- Fotografia: 2
- Artes Cênicas: 3
- Pintura e Música: 1
- Economia da Cultura: 2
- Comunicação Empresarial: 3
- Bilinguismo: 2
- Argumentação: 1
- Corpos e Comunicação: 1
- Documentação: 5
- Tema Literário: 3
- Outros: 9 (dos quais 4 muito marginais para serem classificados como CIC)

Mais uma vez, a dispersão é grande, mesmo que os três primeiros temas correspondam a 51,4% das teses (das quais 31,4% do Audiovisual, definido em sentido amplo). Com três teses, a Literatura ocupa uma posição residual: essa afirmação fortalece a posição de Jean-François Tétu (1992) a respeito das teses defendidas entre 1982 e 1991.

Além disso, devemos completar este estudo nos concentrando naqueles que, por via dos recrutamentos locais, juntaram-se às CIC no mesmo período, ou ainda na metade dos anos 1980, enquanto estavam inscritos em outra seção. Ao avaliarmos apenas os inscritos nas listas, teremos<sup>26</sup>: os acadêmicos das Letras, apenas detentores de um título de Letras – Gerard Losfeld (LAES Grego, 1974), Nicole Boulestreau (LAFMA 12<sup>a</sup>, 1974), Roger Viry-Babel, Yves Lavoine e Jean-François Tétu (LAFMA 12<sup>a</sup>, 1975), Daniel Bougnoux (LAFMA 12<sup>a</sup>,

26 Essa lista não pretende ser exaustiva. A maior parte das informações foi obtida no curso de nossas investigações, sem se constituir, de fato, uma pesquisa sistemática e exaustiva.

1977), Noël Nel (LAFMA 12<sup>a</sup>, 1979) etc.; mas também os de fora das Letras, sem dúvida mais numerosos – Michelle Cluzeau-Ciry (LAFMA História, 1973), Louis Porcher e Alex Mucchielli (LAFMA Sociologia, 1974), Alain Labruffe (LAFMA Psicologia, 1974), Nadine Tousseint (LAFMA Economia, 1974), Jean-Pierre Courtial (LAES Psicologia, 1977), Roger Odin (LAES Linguística, 1977), Bernard Lamizet e Jean Mouchon (LAFMA Linguística, 1977), Anne-Marie Guimier-Sorbets (LAFMA Arqueologia, 1977), Elizabeth Fichez (LAFMA Linguística, 1979), Geneviève Cornu (LAFMA Linguística e Ciências da Arte, 1979), Jean Caune (LAFMA Ciências da Arte, 1979)...

É necessário concordar, então, que a Literatura não é o núcleo das preocupações da maioria dos inscritos na LAFMA da 52<sup>a</sup> seção, e tampouco da maioria dos doutores em Literatura inscritos nessa lista. As causas são múltiplas, e sua explicação exige uma pesquisa complementar: a insuficiência na criação de postos de trabalho em Literatura tendo-se em conta a oferta de profissionais (embora o período de 1969-1974 seja propício à abertura desses postos, especialmente em técnicas de expressão); a expectativa de criações de postos mais importantes, de mestres assistentes, numa disciplina nova; e o interesse por objetos informacionais e comunicacionais... Finalmente, no que diz respeito aos critérios estatutários examinados neste parágrafo, fica claro que a origem literária das CIC faz parte dessas ideias recebidas e transmitidas (ao menos por uma parte do campo). Entretanto, isso não se confirma como uma cristalização social demonstrável.

### 3.2.4 O critério das produções: o exemplo dos estudos literários

Se egermos como critério os estudos literários, a influência da literatura parece *a priori* ser evidente, pelo menos na parte do campo das CIC que trabalha privilegiando as abordagens de autor/texto/recepção. Em sentido estrito, a expressão “estudos literários” nomeia os trabalhos universitários que têm como objeto a construção de um saber acerca da literatura. Entre o fim do século XIX e o início dos anos 1960, eles foram dominados na França pela História Literária, definida por Gustave Lanson como a necessidade de sustentar-se, por um lado, sobre um método histórico com o intuito de reincorporar as obras ao contexto de produção e, por outro lado, de realizar aproximações transversais (lexicografia, crítica dos textos, estudo dos manuscritos...), buscando fazer emergir a singularidade dos textos, o que concede a eles o lugar central. A História Literária compreende, portanto, a “Crítica Literária” legada entre outros pela Filologia. Porém, nos anos 1960-70 surge um movimento relativamente heterogêneo, a “*nouvelle critique*”, que

traz proposições inovadoras para a análise literária a partir de recursos de outras disciplinas: Linguística, Semiologia, Sociologia do Livro, Sociologia da Literatura, Estética, Psicanálise... Assim, inicia-se uma disputa marcada por alguns momentos exagerados, sobre a conjuntura, a importância e a radicalidade da oposição: a polêmica suscitada pelo ensaio de Roland Barthes, *Sobre Racine*<sup>27</sup> (1963); o Colóquio de Cerisy<sup>28</sup> – *As tendências atuais da crítica*, coordenado por Georges Poulet (1967)... Outra das mudanças significativas nas instituições sociais universitárias e escolares (o que não é nada...): as questões se situam em torno da relevância dos novos sistemas de interpretação que concedem à recepção uma posição destacada<sup>29</sup>.

Esse debate incontestavelmente marcou as produções e as discussões teóricas e metodológicas das CIC, tanto no enunciado das questões controversas quanto no nível das respostas apresentadas. Mas esse papel é difícil de definir e, de todo modo, é um papel que se coloca num contexto em que há poucas questões, de acordo com os interessados, para se inscrever no campo da Literatura. Três temáticas serão aqui discutidas, que raramente se atravessam, pelo menos até os anos 1990. A primeira é a ligação entre a Literatura e o livro: alguns dos fundadores ou envolvidos no início das CIC estavam direta ou indiretamente envolvidos em tal discussão. Roland Barthes, claro, mas também Robert Escarpit e sua “Sociologia do Fato Literário”<sup>30</sup>, concebida como o estudo da “comunicação” complexa entre dois momentos produtivos, a escritura e a leitura, afins ao seu trabalho sobre a escrita e o documento. Contudo, há que se observar que esse estudo está fortemente influenciado pela cibernética: a entropia afeta tanto a escritura quanto a leitura, o que reveste as duas atividades de uma dimensão informacional inegável. De certa forma, o texto escrito tem uma informação codificada e, nesse sentido, ele também tem uma função documental. Jacques Breton (bibliologia), Nicole Robine (livro, bibliotecas)<sup>31</sup>, Fran-

27 Nessa obra, R. Barthes se opõe a R. Picard, especialista reconhecido em Racine. Este responde em um artigo publicado no *Le Monde* (14/03/1964) de forma bastante polêmica (“*Nova crítica ou nova impostura*”), à qual Barthes responde em *Critique et Vérité* (1966).

28 Cabe ressaltar que nenhum dos fundadores das CIC consta entre os diversos debatedores.

29 Porém, numerosos trabalhos discutem também a escritura, a criação literária, os gêneros, os universos literários, a narrativa.

30 *Sociologia da Literatura* – cujo título foi imposto pelo editor – surge em 1958. É composta de quatro partes com os importantes títulos: “Princípios e métodos”, “A produção”, “A distribuição” e “O consumo”.

31 Deve-se a R. Escarpit e a N. Robine um *Atlas da Leitura em Bordeaux* totalmente voltado à circulação dos livros entre os leitores e os “locais” de um contexto espaço-temporal determinado. Com J. Breton, esses dois autores publicaram ainda *O livro e a cultura escrita no mundo contemporâneo: balanço dos trabalhos desde 1975* (1979).

çois Richaudeau<sup>32</sup> (legibilidade, ato de criação literária, leitura), Robert Estivals (bibliografia e bibliologia), mas também Henri Marquier (sua tese – sob um título pouco literário, ver anexo 2 – é citada duas vezes por Robert Escarpit em *O Escrito e a Comunicação*, 1973) são mais ou menos marcados por essas análises. Esses são, de fato, os pesquisadores que trabalharam sobre esse objeto – o documento – e que, desde os anos 1980, prolongam essa perspectiva, contudo através de orientações específicas mantidas pelo cruzamento com outras abordagens e outros autores (ver, por exemplo, os trabalhos da Sociedade de Bibliologia e Esquemática, as pesquisas de François Richaudeau – ou os artigos de Jean Meyriat [1978, 1981, 1985] citados na bibliografia desta contribuição).

A segunda temática envolve as aproximações entre cultura (no duplo sentido de unir modos de pensar e de viver de um grupo social ou de uma sociedade e instituições) e sociedade, como são desenvolvidas na Inglaterra pela Escola de Birmingham e os Estudos Culturais. Esses trabalhos reivindicam uma filiação crítica aos estudos literários ingleses (English Studies), mas também franceses (Jean-Paul Sartre, Lucien Goldman, Roland Barthes, Julia Kristeva) ou aos “acadêmicos da literatura” estrangeiros comumente citados pelos pesquisadores franceses (Mikhail Bakhtin, Umberto Eco...). Eles destacam a importância do receptor e dos contextos de recepção e de emissão na construção da significação das mensagens (Mattelart, Neveu, 2003). De certo modo, é, pois, o modelo literário texto/leitor que é evocado, contudo um modelo no qual o texto não é apenas literário, em que os contextos de produção e de recepção ocupam uma posição central. Por chegarem tardiamente à França (exceto a obra de Richard Hoggart, *A Cultura da Pobreza* [1957] traduzida por Jean-Claude Passeron em 1970), esses pesquisadores são raramente citados e ainda menos utilizados pelos pesquisadores de nosso *corpus*.

O último tópico é o papel da língua e dos signos nos textos literários e, além disso, em todos os textos ou discursos, especializados ou ordinários, assim como de todos os signos (sonoros, icônicos, gestuais...) e dos objetos. Esse conjunto também é suscetível de ser considerado significativo e, portanto, categoria relevante para compreender o social. Essas orientações são mais aquelas de uma parcela da segunda geração de pesquisadores, os quais se juntaram às CIC no final dos anos 1970 e início dos anos 1980: ver, por exemplo, durante o 1º Congresso da SF-SIC (Compiègne, 1978), as comunicações de Henry-Paul Doray e François Pouille, Yves Lavoine, Jacques Bertin, Geneviève Dollé, Michel Mouillot, Pierre Delcambre e

Élisabeth Fichez, Eliseo Verón, Marie-Claude Vettraino-Soulard. As teses de Roger Bautier, Michel Collin, Pierre Delcambre, Genenève Dollé, Jean-Marie Floch, Hugues Hotier, André Labarrère, Michel Marié, François Pouille e Jean Roy (anexo 2) são igualmente representativas dessa orientação.

Entretanto, é quando eles ultrapassam o campo literário *stricto sensu* para ir em direção ao fato “midiático”, ou mais simplesmente de “comunicação”, que esses estudos interessam, sobretudo aos pesquisadores das CIC. Especialmente esses trabalhos se transformam de modo rápido a partir dos anos 1980 e 1990, com o impacto das teorias da enunciação, da pragmática e da análise do discurso (Amossy, Maingueneau, 2004<sup>33</sup>). São, por outro lado, postos em tensão com as epistemologias exteriores às ciências da linguagem, entre elas, em relação aos gêneros (televisivos, por exemplo), à mediação, aos dispositivos, às abordagens público/discurso...

Encontram-se no catálogo da *Hermès*, “*As Ciências da Informação e da Comunicação. Saberes e Poderes*” (Jeanneret, Ollivier, 2004), muitos artigos de síntese (notadamente aqueles de Guy Lochard, Guillaume Soulez e Jean-Jacques Boutaud), como também uma abundante bibliografia relativa à relação entre CIC e Ciências da Linguagem e do Discurso. Mas então, trata-se menos das obras literárias, seus autores e leitores... mesmo que sejamos obrigados a admitir que elas devam ser visitadas.

### 3.3 O critério das práticas científicas

Por fim, pode-se qualificar de “literárias” as práticas de pesquisa que se encontram frequentemente nos anos 1960-70 entre os docentes universitários de Literatura e que parecem, de algum modo, continuar até a atualidade: preferência pelo trabalho de pesquisa individual, quando esse não é justamente a negação do trabalho coletivo, a desconfiança dos laboratórios de pesquisa, tendência ao ensaísmo em detrimento de abordagens empírico-teóricas baseadas nas Ciências Humanas e Sociais e resistência a debater as práticas científicas. Muitas dessas características evidentemente estão presentes nas CIC até o final dos anos 1980... mas se juntam aos hábitos científicos de outras disciplinas (Boure, 1997), o que contribui para reforçar a imagem de “mosaico” das CIC.

Essa constatação atrai outras duas, sem dúvida mais fundamentais. A primeira destaca-se de um percurso

32 Fundador das Edições Retz, que publicaram várias obras no campo da informação-comunicação e a revista *Comunicação e Linguagens*. Contrariamente a R. Escarpit, Fr. Richaudeau se interessou pela linguística e pela semiologia.

33 Note-se de passagem que esses trabalhos nos permitem ver, sob outro ângulo, “textos” periféricos da literatura até então negligenciados pela crítica literária, enquanto que eles são usualmente tomados como objeto por pesquisadores em CIC (manuais escolares e universitários, artigos de crítica jornalística, programas de divulgação literária radiofônicos e televisuais, revistas literárias...).

histórico, a segunda decorre de uma tomada de posição epistemológica e prática. Nos anos 1960-70, essas práticas que se atribuem voluntariamente à Literatura são também da Filosofia, das Línguas Estrangeiras e do Direito. Mais ainda, elas são intensamente difundidas nas Ciências Humanas e Sociais e compreendem os setores que hoje reivindicam com vigor os atributos cognitivos e sociais da cientificidade, às vezes em referência aos padrões internacionais. Com efeito, foi necessário esperar os anos 1980 para que as Ciências Humanas e Sociais francesas, com algumas exceções prévias, pudessem tomar as dimensões cognitivas (em particular teórico-empíricas) e sociais (laboratórios, programas de pesquisa, redes de equipes e de pesquisadores...) que conhecemos hoje (Kazancigil, Makinson, 2001; Boure, 2007)<sup>34</sup>.

É preciso ousar para definir-se como árbitro das elegâncias científicas ou, de modo mais prosaico, para considerar que o modelo dominante em determinado momento é o modelo quase exclusivo, para negar a existência e o interesse, em cada uma das Ciências Humanas e Sociais, de práticas científicas plurais, e, além disso, do pluralismo teórico e metodológico.

#### 4 Conclusão

Aproveitando-se sem remorso da tribuna que aqui se abriu e contra as tentações hegemônicas sempre presentes, o autor destas linhas clama pelo reconhecimento de um exercício plural das CIC. E advoga ainda mais intensamente que as demonstrações precedentes sobre as origens das CIC são incontestavelmente plurais e que é em parte por causa da diversidade que se torna possível colocar em perspectiva o que outras disciplinas rejeitam (emissão/texto/receptor, práticas/discursos/dispositivos, signos/objetos/mediações...).

Mas a pluralidade que reclamamos não se faz através de justaposições, superposições e outros compromissos práticos e científicos mal negociados, usualmente relacionados a convívios vazios e forçados. Ela não é acima de tudo sincretismo ou uma tentativa de estabelecer

34 O caso dos laboratórios em “Ciências Humanas e Sociais” é ilustrativo. Quase inexistentes durante o entre-guerras, seu número aumentou lentamente após a Libertação (contabilizamos cerca de 50 ao fim dos anos 1950, a maior parte situada em Paris) e eles são pouco menos de 800 no início dos anos 1980 (dos quais 500 laboratórios próprios ou vinculados ao CNRS). Em 2003, são 1.058 equipes universitárias distribuídas por todo o território, coordenadas pelo ministério (apesar dos agrupamentos impostos ou fortemente condicionados pelas instâncias de avaliação), enquanto que 430 unidades se mantêm integral ou parcialmente associadas ao CNRS. Ao mesmo tempo, seus meios foram reforçados e seus modos de organização e de funcionamento foram profundamente modificados, como todas as práticas e os discursos dos pesquisadores implicados. Doravante, o laboratório é tanto um lugar em que o pesquisador coloca em prática seu trabalho quanto um espaço de socialização e de refinamento da pesquisa.

equivalência de maneiras de pensar e de fazer. Desejamos apenas que se construa uma cultura de debate, única forma de se proteger contra os excessos da normatização vertical e contra seu inverso, a permissividade sem limites, que apenas busca favorecer a si mesma... livre para rejeitar os outros. É sempre através do debate que se afirmam e aprimoram as posições cognitivas e sociais de cada um e que se constrói essa complexidade científica acentuada por Judith Schlanger (1992) a partir da qual podemos nos entender sobre quais são os critérios provisórios e “discutíveis”, logo considerados dignos de serem debatidos. É também graças a ele que se observa mais além das fronteiras, onde começam os territórios dos “outros” e onde saqueadores furtivos do saber mais se preocupam do que se ocupam com o “disciplinarmente correto”<sup>35</sup>. Este testemunho, que alguns acharão pouco “histórico”, servirá de conclusão a uma crônica que poderia ser intitulada “*Defesa e ilustração de uma História das Ciências Humanas e Sociais aplicada às CIC*”. Mas também está bom assim...

#### Referências

- AMOSSY, R.; MAINGUENEAU, D. (dirs.). 2004. *L'analyse du discours dans les études littéraires*. Toulouse, Presses universitaires du Mirail.
- BERTHELOT-GUIET, K. 2004. Instrumentalisation de la sémiotique. *Études de communication*, 27:121-133.
- BOURDIEU, P. 1984. *Homo academicus*. Paris, Éd. de Minuit.
- BOURE, R. 1997. Les sciences de l'information et de la communication au risqué de l'expertise? Sur et sous des pratiques scientifiques. *Réseaux*, 82/83:233-254.
- BOURE, R. 2005. Réflexions autour de l'institutionnalisation des disciplines: Sciences de l'information et de la communication versus économie? *Communication*, 25(2):9-37.
- BOURE, R. 2006. L'histoire des sciences de l'information et de la communication: Entre gratuité et réflexivité (1). *Questions de communication*, 10:277-295.
- BOURE, R. 2007. *Les sciences humaines et sociales en France: Une approche historique*. Namur, Intercommunications/EME.
- COUZINET, V. (dir.). 2001. *Jean Meyriat, théoricien et praticien de l'information-documentation*. Paris, Éd. ADBS.
- DURAND, J. 2002. Georges Péninou (1926-2001): L'un des créateurs de la sémiologie publicitaire. *Hermès*, 32-33:7-12.
- ESCARPIT, R. 1973. *L'écrit et la communication*. Paris, Presses universitaires de France.
- ESCARPIT, R. 1976. *Théorie générale de l'information et de la communication*. Paris, Hachette.
- JEANNERET, Y.; OLLIVIER, B. (dirs.). 2004. Les Sciences de l'information et de la communication: Savoirs et pouvoirs. *Hermès*, 38.
- KAZANCIGIL, A.; MAKINSON, D. (dirs.). 2001. *Les sciences sociales dans le monde*. Paris, UNESCO/Éd. de la MSH.

35 De E. Morin e R. Barthes a M. Foucault, passando por M. de Certeau, as CIC sempre são discutidas em trabalhos inclassificáveis. Isto é, sempre são uma escolha...

- MATTELART, A.; NEVEU, É. 2003. *Introduction aux Cultural studies*. Paris, Éd. La Découverte.
- MEYRIAT, J. 1978. De l'écrit à l'information: la notion de document et la méthodologie de l'analyse du document. *Inforcom* 78, SFSIC, Compiègne.
- MEYRIAT, J. 1981. Document, documentation, documentologie. *Schéma et Schématisation*, 14:51-63.
- MEYRIAT, J. 1985. Information vs documentation? *In*: A.-M. LAULAN (dir.), *L'espace social de la communication: concepts et théories*. Paris, Retz/CNRS, p. 63-89.
- MEYRIAT, J.; MIEGE, B. 2002. Le projet des SIC: de l'émergent à l'irréversible (fin des années 1960-milieu des années 1980). *In*: R. BOURE (éd.), *Les origines des sciences de l'information et de la communication: Regards croisés*. Lille, Presses universitaires du Septentrion, p. 45-70.
- MUSSELIN, C. 2001. *La longue marche des universités françaises*. Paris, Presses universitaires de France.
- REVUE d'histoire des sciences humaines. 2001. La littérature, laboratoire des sciences humaines?, 5.
- SCHLANGER, J. 1992. Fondation, nouveauté, limite, mémoire. *Communications*, 54:289-298.
- SFSIC. 1994. *Les fondateurs de la SFSIC: Robert Escarpit*. Paris, Éd. SFSIC.
- TETU, J.-Fr. 1992. Thèses 1982-1991 en sciences de l'information et de la communication, Rapport DRED, Programme PARINFO, Paris, ministère de la Recherche et de la Technologie, ministère de l'Éducation nationale, de la Jeunesse et des Sports.
- TETU, J.-Fr. 2002. Sur les origines littéraires des SIC. *In*: R. BOURE (éd.), *Les origines des sciences de l'information et de la communication: Regards croisés*. Lille, Presses universitaires du Septentrion, p. 71-94.

## ANEXO 1

## Inscrições na LAFMA da 52ª seção do CCU entre 1976 e 1979

Sobrenome (1)	NOME (1)	Ano de inscrição na LAFMA	Campo do orientador da tese	Graduação em letras clássicas ou modernas	Outras informações (2)
AGHASSIAN	MICHEL	SET. 1978	ANTROPOLOGIA	NÃO	EHESS
ALLEMAND	ETIENNE	FEV. 1977	FILOSOFIA	NÃO	
AUMONT	JACQUES	JAN. 1979	ESTÉTICA	NÃO	POLITÉCNICO
<i>BACHMANN</i>	CHRISTIAN	FEV. 1977	SLD	NÃO	
<i>BALTZ</i>	<i>CLAUDE</i>	FEV. 1977	SOCIOLOGIA	NÃO	
<i>BAUTIER</i>	<i>ROGER</i>	JAN. 1979	LITERATURA	NÃO	
<i>BERDOT</i>	<i>FRANÇOISE</i>	FEV. 1977	SOCIOLOGIA	NÃO	
BERTRAND	HUGUETTE	OUT. 1977	GEOGRAFIA-CARTOGRAFIA	NÃO	EHESS?
<i>BLANQUET</i>	<i>MARIE-FRANCE</i>	JAN. 1976	SOCIOLOGIA	NÃO	
<i>BLOCH</i>	<i>MICHEL</i>	JUL. 1977	FILOSOFIA	NÃO	
<i>BLONDY</i>	<i>ALAIN</i>	JAN. 1979	HISTÓRIA (CIC)	NÃO	
BOUTRY	MARIE-THÉRÈSE	JAN. 1976	SOCIOLOGIA	NÃO	ASSISTENTE NAS CIC
BOUVARD	MICHEL	MAR. 1978	LITERATURA	NÃO	
BOUVIER	MICHEL	JUL. 1977	CINEMA	NÃO	
<i>BRUEL</i>	<i>LÉONIE</i>	JAN. 1976	LITERATURA	NÃO	ESCRITOR + MCF
BUFFELAN	JEAN-PAUL	MAR. 1978	CIC	NÃO	
<i>CARPENTIER</i>	<i>JEAN-BAPTISTE</i>	JAN. 1979	LITERATURA (CIC)	SIM	
<i>CAZENAVE</i>	<i>ELISABETH</i>	MAR. 1978	HISTÓRIA (CIC)	NÃO	GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CHAILLOU	MICHEL	FEV. 1977	LITERATURA	NÃO	ESCRITOR + MCF
<i>CHANEL</i>	<i>ALAIN</i>	JAN. 1976	LITERATURA	NÃO	
COLIN	MICHEL	FEV. 1977	SLD	NÃO	
<i>CROUSSY</i>	<i>GUY</i>	FEV. 1977	LITERATURA	NÃO	LETRAS + ESCRITOR
<i>CUAU</i>	<i>BERNARD</i>	JAN. 1976	CIC	NÃO	
DE GAUDEMAR	JEANNE-MARIE	JAN. 1976		NÃO	ASSISTENTE NAS CIC
DELAVILLE	JAN-PIERRE	SET. 1978	CIC	NÃO	EHESS
<i>DE LA HAYE</i>	<i>YVES</i>	JAN. 1976	SLD	NÃO	
<i>DELCAMBRE</i>	<i>PIERRE</i>	JAN. 1979	LITERATURA	SIM	LAFMA LINGÜÍSTICA 79
DIGNE	DANIELLE	JUN. 1976	SLD	NÃO	ÉCOLE ART LUMINY
<i>DOLLÉ</i>	<i>GENEVIÈVE</i>	JAN. 1979	PSICOLOGIA	NÃO	
<i>DUCASSE</i>	<i>ROLAND</i>	JAN. 1979	LITERATURA (CIC)	NÃO	
<i>FARENIAUX</i>	<i>LSIMSETTE</i>	MAR. 1978	CINEMA	NÃO	
<i>FLICHY</i>	<i>PATRICE</i>	FEV. 1977	SOCIOLOGIA	NÃO	DIPLOMA HEC
FLOCH	JEAN-MARIE	FEV. 1977	ESTÉTICA	NÃO	

Sobrenome (1)	NOME (1)	Ano de inscrição na LAFMA	Campo do orientador da tese	Graduação em letras clássicas ou modernas	Outras informações (2)
FONDIN	HUBERT	JAN. 1976	CIC	NÃO	
GABAY	MICHÈLE	JAN. 1979	PSICOLOGIA	NÃO	LAFMA CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO 79
GAUTHIER	GUY	MAR. 1978	LITERATURA	NÃO	EDUCAÇÃO CONTINUADA
GILSON	RENÉ	FEV. 1977	TESE?	NÃO	CINEASTA
GOBERT	PHILIPPE	MAR. 1978	CIÊNCIAS ECONÔMICAS	NÃO	
GRONOFF	JEAN-DANIEL	OUT. 1977	TESE?	NÃO	CARTOGRAFIA - EHESS
HAFFNER	PIERRE	JUN. 1976	CINEMA	NÃO	
HASSENFORDER	JEAN	OUT. 1976	PSICOLOGIA	NÃO	LAFMA CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
HIROU	PIERRE	JUL. 1977	CIC	NÃO	
HOTIER	HUGUES	JAN. 1976	SLD	NÃO	
JACQUEMOND-	JEAN	FEV. 1977	LITERATURA	NÃO	
COLLET					
JACQUINOT	GENEVIÈVE	JAN. 1979	LINGUÍSTICA		
			PSICOLOGIA		
JOUBERT	JOSSELYNE	MAR. 1978	PSICOLOGIA	NÃO	
ITHURRIA	ETIENNE	JUN. 1976	LITERATURA	SIM	
LABARRÈRE	ANDRÉ	SET. 1978	SLD	NÃO	
LACOSTE	MICHÈLE	JAN. 1976	SLD	NÃO	
LAPRÊVOTE	LSIMS-PHILIPPE	JAN. 1976	DIREITO	NÃO	
LARÈRE	ODILE	JAN. 1979	CINEMA	NÃO	GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
LE GOFF	PAUL	JAN. 1976	LITERATURA	SIM	PRAG LYCÉE
MAMÈRE	NOËL	MAR. 1978	HISTÓRIA (CIC)	NÃO	ASSISTENTE NAS CIC E JORNALISTA
MANIEZ	JACQUES	JUN. 1976	SLD	SIM	
MARIÉ	MICHEL	JUN. 1976	CINEMA	NÃO	
MARQUIER	HENRI	JUN. 1976	LITERATURA	NÃO	
MASSON	JOËL	JUN. 1976	LITERATURA	NÃO	
MATISSON	MAURICE	FEV. 1977	PSICOLOGIA	NÃO	
MÉTAYER	LÉON	JUN. 1976	PSICOLOGIA	NÃO	MCF BREST
MIÈGE	BERNARD	JAN. 1976	ECONOMIA +	NÃO	
			LITERATURA (CIC)		
MOEGLIN	PIERRE	JAN. 1979	CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CIC	SIM	ENS
MONTGOMÉRY	MARIE-PIERRE	MAR. 1978	INGLÊS	NÃO	GRADUAÇÃO EM INGLÊS
NATAF	RAPHAËL	FEV. 1977	LITERATURA	NÃO	

Sobrenome (1)	NOME (1)	Ano de inscrição na LAFMA	Campo do orientador da tese	Graduação em letras clássicas ou modernas	Outras informações (2)
NIKERK	ROGER	JUN. 1976	SLD	NÃO	
PHILLIPPE	ANNE	JAN. 1976	TESE?		ESCRITOR
PIQUENOT	ALAIN	MAR. 1978	SLD	NÃO	CRDP AMIENS
POMMIER	PIERRE	MAR. 1978	SOCIOLOGIA	NÃO	
PONTON	RÉMY	JUL. 1977	SOCIOLOGIA	SIM	
POULLE	FRANÇOIS	JAN. 1979	SOCIOLOGIA	NÃO	LAFMA ENSINO DE SOCIOLOGIA
PRÉDAL	RENÉ	MAR. 1978	LITERATURA (CIC)	NÃO	
DAUDON	MAURICE	JAN. 1979	HISTÓRIA (CIC)	NÃO	
REMOND	EDITH	JAN. 1979	CIÊNCIA POLÍTICA	NÃO	
REVEL	SERGE	JAN. 1979	LITERATURA (CIC)	NÃO	
REY-ULMAN	DIANA	FEV. 1977	LINGÜÍSTICA-ETNOLOGIA	NÃO	CNRS
RUPP	BRITTA	OUT. 1977	ANTROPOLOGIA	NÃO	EHESS
ROY	JEAN	JAN. 1979	LITERATURA	NÃO	CRÍTICA DE CINEMA
SÈVE	PIERRE	MAR. 1978	SLD	NÃO	
SIMON	JEAN-PAUL	JAN. 1976	CINEMA	NÃO	
TALON	GÉRARD	JAN. 1979	CINEMA	NÃO	CRÍTICA DE CINEMA
THIÉRY	CHRISTOPHER	FEV. 1977	LITERATURA	NÃO	INTÉRPRETE
VETTRAINO-	MARIE-CLAUDE	JAN. 1976	CIC	NÃO	
SOULARD					
VOIR	MICHEL	JAN. 1976	TESE?	SIM	MCF LIT-GRENOBLE 3
ZIMMERMANN	MARIE	MAR. 1978			

1 Em itálico, aqueles que se uniram (ou fizeram uma passagem por) às Ciências da Informação e Comunicação.

2 Esta seção contém “informações que podem ser úteis” no plano biográfico. Mas essas informações, não exaustivas, foram encontradas na sua maioria sem serem pesquisadas de forma específica.



## ANEXO 2

## Lista indicativa das teses defendidas pelos inscritos na 52ª seção da LAFMA do CCU (1976-1979)

- Allemand Etienne, Pour une éthologie générale: le rôle historique du valoir, 1971, Thèse d'État en philosophie, Paris 8 (François Chatelet).
- Aumont Jacques, Montage Eisenstein, 1978, Thèse de 3e cycle en esthétique, Paris 1 (Bernard Teysedre).
- Bachmann Christian, Communications sociales et analyse socio-linguistique: le cas d'un grand ensemble, 1978, Thèse de 3e cycle en Sciences du langage, Paris 13 (Bernard Quemada).
- Baltz Claude, Essai sur le capital symbolique, 1975, Thèse d'État en lettres, Paris 8.
- Bautier Roger, Recherches sur le discours argumentatif et la communication persuasive, 1978, Thèse de 3e cycle en littérature, Paris 3 (Michel Décaudin).
- Berdot Françoise, L'information scientifique émise par l'ORTF. Approches sociologique et structurelle de l'information scientifique télévisuelle, 1976, Thèse de 3e cycle en sociologie, Paris 7 (Pierre Fougeyrollas).
- Blanquet Marie-France, Étude sociologique de la modification de la relation maître-élève par l'introduction des techniques audio-visuelles, 1974, Thèse de 3e cycle en sociologie, Bordeaux 2 (Émile Sicard).
- Bloch Michel, La relation au corps dans la communication, 1976, Thèse de 3e cycle en philosophie, Nancy 2 (Georges Vallin).
- Blondy Alain, Les ultra royalistes bordelais, 1978, Thèse de 3e cycle en histoire (SIC), Bordeaux 3 (André-Jean Tudesq).
- Boutry Marie-Thérèse, Problèmes de sociologie de la lecture et bibliothèques publiques. Méthodes et application, 1978, Thèse de 3e cycle en sociologie, Dijon (Maxime Chastaing).
- Bouvard Michel, Métonymie du texte photographique ou les partis pris de la normalité, 1977, Thèse de 3e cycle en littérature, Paris 7/EHESS (Marc Soriano).
- Bouvier Michel, La place du Gaucher dans le western, 1974, Thèse de 3e cycle en cinéma, Montpellier 3 (Henri Agel).
- Bruel Léonie, L'œuvre de Michel Butor en tant que monologue, 1974, Thèse de 3e cycle en littérature, Paris 7.
- Buffelan Jean-Paul, Communication, documentation juridique et traitement informatique, 1977, Thèse de 3e cycle en SIC, Paris 7.
- Carpentier Jean-Baptiste, La hiérarchie des composants fixes, mobiles et vivants dans l'image publicitaire, 1978, Thèse de 3e cycle en SIC, Grenoble 3 (Jean Sgard) et l'image politique. Éléments d'une rhétorique de l'affiche électorale, 1981, Thèse d'État en SIC, Paris 4.
- Cazenave Elisabeth, La naissance de la radiodiffusion dans le Sud-Ouest aquitain, 1977, Thèse de 3e cycle en histoire (SIC), Bordeaux 3 (André-Jean Tudesq).
- Chaillou Michel, Bergerie critique: le sentiment géographique dans les premières pages de « L'Astrée », 1975, Thèse de 3e cycle en littérature, Paris 8/EPHE (Jean-Pierre Richard).
- Chanel Alain, La presse roumaine contemporaine. Originalité ou conformisme?, 1975, Thèse de 3e cycle en littérature, Strasbourg 2 (Jacques Léauté).
- Colin Michel, Prolégomènes à une sémiologie générative du film, 1980, Thèse de 3e cycle en SLD, EHESS.
- Croussy Guy, L'épiphanie des signes. La quête et la saisie de l'information, 1980, Thèse d'État en littérature, Lille 3 (Pierre Reboul).
- Cuau Bernard, Le fonctionnement de l'idéologie dans – et à propos de – la presse, 1971, 3e cycle, SIC, Paris 2.
- Delaville Jean-Pierre, Les inventions dans les arts visuels, processus d'évolution technologique, 1978, Thèse de 3e cycle en SIC, EHESS (Jean Meyriat, Jacques Perriault).
- De la Haye Yves, La pharmacie chinoise. Langage et information dans la presse quotidienne française, 1973, Thèse de 3e cycle en en SLD, EPHE (Roland Barthes).
- Delcambre Pierre, Mémoire et appropriation des messages. Étude de quelques mécanismes linguistiques et idéologiques de la réception-réémission des messages de la presse écrite, 1976, Thèse de 3e cycle en littérature, Lille 3 (Michel Glatigny).
- Digne Danielle, Réflexion sur la notion de genre à partir d'un western: La Rivière rouge d'H. Hawks, 1975, Thèse de 3e cycle en SLD, Paris 3 (Christian Metz).
- Dollé Geneviève, Recherche sur l'iconographie discursive. Le rôle des tropes dans le processus de sémiogenèse (collection des dessins de Konk, 1961-1971), 1974, Thèse de 3e cycle en psychologie, Strasbourg 1 (Michel Tardy).
- Ducasse Roland, Méthodes du traitement des données bibliométriques: application à l'analyse prévisionnelle de la demande d'ouvrages en littérature, 1978, Thèse de 3e cycle en lit (SIC), Bordeaux 3 (Robert Escarpit).

- Flichy Patrice, L'offre de services dans les équipements culturels. Les Maisons de jeunes et de la culture. Les Maisons de la culture, 1971, Thèse de 3e cycle en sociologie, Paris 2 (André Piatier).
- Floch Jean-Marie, Problèmes de sémiotique plastique. Étude de quelques contrastes en photographie, 1976, Thèse de 3e cycle en esthétique, Paris 1.
- Fondin Hubert, L'entrée par l'information écrite dans un système automatisé pour les sciences sociales, 1975, Thèse de 3e cycle en SIC, Paris 1/EHESS (Jean Meyriat, Jean-Paul Trystam).
- Gabay Michèle, Magnétoscopie et formation à l'observation des études corporelles. Contribution à une étude du langage du corps, 1978, Thèse de 3e cycle en psychologie, Toulouse 2 (Jean Simon).
- Gautier Guy, La bande dessinée: picturale et scripturale (à propos des Peanuts), 1977, Thèse de 3e cycle en littérature, Paris 7 (Marc Soriano).
- Gobert Philippe, Communication organisationnelle et comportements organisationnels, 1977, Thèse de 3e cycle en sciences économiques, Grenoble 2 (André Page).
- Haffner Pierre, Un cinéma de la totalité. Essai sur l'œuvre de Jean Renoir, 1972, 3e cycle, cinéma, Montpellier 3 (Henri Agel) et Essai sur les fondements du cinéma africain, 1976, Thèse de 3e cycle en ethnologie, Paris 7.
- Hassenforder Jean, La bibliothèque comme institution éducative. Recherche et développement, 1971, Thèse d'État en psychologie, Paris 5 (Léon Antoine).
- Hirou Pierre, Modèle structurel de choix d'une politique d'information, 1974, Thèse de 3e cycle en SIC (documentation).
- Hotier Hugues, Le vocabulaire du cirque et du music hall en France, 1972, Thèse de 3e cycle en SLD, Paris 8 (Jean-Claude Chevalier) et Approche sociolinguistique de l'hebdomadaire France Dimanche. La presse à sensation en France, 1979, Thèse d'État en SLD, Paris 8 (Jean-Claude Chevalier).
- Ithurria Étienne, Contribution à l'étude et à l'histoire de l'expression dramatique à la télévision française, 1980, Thèse d'État en littérature, Paris 3 (Michel Décaudin).
- Jacquemond-Collet Jean, L'écriture et le film dans le cinéma de Truffaut (pour une introduction à l'analyse des médias), 1976, Thèse de 3e cycle en littérature, Paris 7 (Jacques Seebacher).
- Jacquinet Geneviève, Structures spécifiques du message audiovisuel didactique, 1975, Thèse de 3e cycle en linguistique/psychologie, Paris 8 (Christian Metz et Jacques Wittwer).
- Joubert Josselyne, Des aspects psychologiques psychomoteurs et relationnels dans l'apprentissage audiovisuel de la dactylographie, 1976, Thèse de 3e cycle en psychologie, Bordeaux 3 (Jacques Wittwer).
- Labarrère André, Le discours sur l'art: peinture et musique dans les messages iconiques de systèmes mixtes imprimés, 1978, Thèse de 3e cycle en SLD, Paris 10 (Roland Barthes).
- Lacoste Michèle, Analyse socio-linguistique des communications médicales hospitalières, 1976, Thèse de 3e cycle en SLD, Paris 13 (Bernard Quemada).
- Laprévote Louis-Philippe, Recherche sur l'autonomie financière des universités européennes (RFA, Belgique, France, Luxembourg, Italie, Pays-Bas), 1975, Thèse d'État en droit, Nancy 2 (Paul Jacquet).
- Larère Odile, La réalité de l'imaginaire au cinéma: étude du film de Luchino Visconti « Violence et passion », 1979, Thèse de 3e cycle en cinéma, Paris 4.
- Le Goff Paul, Thèse d'État en littérature.
- Mamère Noël, L'information parlée régionale en Aquitaine. Radios et télévision, 1977, Thèse de 3e cycle en histoire (SIC), Bordeaux 3 (André-Jean Tudesq).
- Maniez Jacques, Le rôle de la syntaxe dans les systèmes de recherche documentaire, 1978, Thèse de 3e cycle en SLD, Besançon (Jean Peytard).
- Marie Michel, Intertitres et son au cinéma les codes sonores dans Muriel, d'Alain Resnais. Intertitres et autres mentions graphiques dans Octobre de S. M. Eisenstein, 1976, Thèse de 3e cycle en cinéma, Paris 8.
- Marquier Henri, La formation et l'expression du goût littéraire en milieu d'entreprise, 1970, Thèse de 3e cycle en littérature, Bordeaux 3 (Robert Escarpit).
- Masson Joël, Recherches sur le statut du théâtre dans la société caennaise: éléments d'une « préhistoire » de la décentralisation, 1976, Thèse de 3e cycle en littérature, Caen (Jean-Charles Payen).
- Matisson Maurice, L'engagement psychanalytique dans le psychodrame en institution, 1973, Thèse de 3e cycle en psychologie, Bordeaux 3.
- Métayer Léon, La Comédie de l'Ouest: un exemple de décentralisation artistique: étude des rapports entre une troupe de théâtre et son public, 1970, Thèse de 3e cycle en psychologie, Rennes.
- Miège Bernard, L'offre de biens et services culturels: les comités d'entreprise, 1968, Thèse d'État en sciences économiques, Paris (Henri Bartoli) et Ensemble des travaux portant sur les productions culturelles marchande et non

- marchande, 1979, Thèse d'État en SIC, Bordeaux 3 (Robert Escarpit).
- Moeglin Pierre, Analyse d'un système publicitaire audiovisuel: sémiologie appliquée et utilisation pédagogique, 1978, Thèse de 3e cycle en sciences de l'éducation/SIC, Paris 13 (Josette Poinssac).
- Montgomery Marie-Pierre de, L'enseignement assisté par ordinateur de l'anglais de spécialité. Problèmes et résultats, 1977, Thèse de 3e cycle en anglais, Nice (Junkovic Zvononir).
- Nataf Raphael, Les manuels de littérature à l'usage du 2e cycle secondaire, 1975, Thèse de 3e cycle en littérature, Paris 3 (Roger Fayolle).
- Piquenot Alain, Contribution à l'analyse sémiotique de la BD, 1977, Thèse de 3e cycle en SLD, Paris 10 (Algirdas-Julien Greimas).
- Pommier Pierre, 1977, Thèse de 3e cycle en sociologie, Bordeaux 3 (Jacques Ellul).
- Ponton Rémi, Le champ littéraire en France de 1865 à 1905. Recrutement des écrivains, structure des carrières et production des œuvres, 1977, Thèse de 3e cycle en sociologie, Paris 5/EHESS (Pierre Bourdieu).
- Poulle François, Vers une écriture audiovisuelle?, 1978, Thèse de 3e cycle en sociologie, Grenoble 2 (Louis Couvreur).
- Rabau-Daudon Maurice, La presse socialiste de la Gironde de 1905 à 1971, 1978, Thèse de 3e cycle en histoire (SIC), Bordeaux 3 (André-Jean Tudesq).
- Rémond Edith, Essai d'approche des différentes conceptions de l'impérialisme, 1978, Thèse de 3e cycle en sciences politiques, Bordeaux 1 (Jean-Louis Martres).
- Revel Serge, La diffusion de la poésie en France, 1978, Thèse de 3e cycle en littérature (SIC), Grenoble 3 (Jean Sgard).
- Rey Diane, Les bilinguismes littéraires: signification sociale de la littérature orale chez les Tyokossi, 1976, Thèse de 3e cycle en linguistique/ethnologie, Paris 3 (Pierre Alexandre).
- Roy Jean, La production de sens chez John Ford, 1976, Thèse de 3e cycle en littérature, Paris 10 (Guy Michaud).
- Sève Pierre, Le processus de l'identification et de la distanciation dans l'institution cinématographique, 1977, Thèse de 3e cycle en SLD, Caen/EHESS (Christian Metz).
- Simon Jean-Paul, L'énoncé dans l'énonciation: l'objet filmique et la place du spectateur dans le signifiant cinématographique: à propos des films des Marx Brothers, 1975, Thèse de 3e cycle en cinéma, Paris 10/EPHE.
- Talon Gérard, Étude de modèles esthétiques a priori de l'avant-garde cinématographique française (1911-1930), 1972, Thèse de 3e cycle en cinéma, Montpellier 3 (Henri Agel).
- Thiéry Christopher, Le bilinguisme chez les interprètes en conférence professionnels, 1975, Thèse de 3e cycle en littérature, Paris 3 (Maurice Gravier).
- Vettraino-Soulard Marie-Claude, Contribution à l'étude de l'image fixe: considérations théoriques et données expérimentales sur une image (publicitaire), 1975, Thèse d'État en SIC, Paris 7.

Submetido: 18.07.2015

Aceito: 30.07.2015